



A educação bancária do mundo digital

Cláudio Vieira Pinto



As mudanças tecnológicas que ocorriam em fins do século XX apareceram como uma espécie de prenúncio da nova economia ou sociedade chamada de conhecimento e, ainda, de seus pressupostos essenciais que passaram a exigir dos indivíduos novas capacidades de produção e de reprodução industriais, inovação constante com geração de conhecimento tecnológico para atender ao mercado de trabalho e a avidez do consumo. Esse novo conceito de sociedade propunha ultrapassar e deixar para trás a economia voltada para a produção agrícola ou industrial bem como, também, mudar a direção da bússola mostrando um novo sistema de produção com foco maior na capacidade de pesquisar, inovar e produzir informação.

Se na segunda metade do século XIX a lógica da produção era a acumulação industrial refletida nas relações sociais de produção, na virada do século XX para o século

XXI o controle do conhecimento e o acesso à informação tornaram-se a dinâmica estruturante da sociedade.

Essa nova visão de produção e das suas relações exigiria das escolas uma mudança ou adaptação e esses conceitos começaram a fervilhar nas instituições escolares na década de 1990, coincidindo com o início da popularização da internet e também na mesma época de lançamento do último livro publicado em vida por Paulo Freire.

No Brasil, nesse mesmo período, intensificava-se o processo de desindustrialização (que já se estende por mais de quarenta anos) e que mudou o perfil do trabalhador e sua formação como mão de obra, passando, as escolas, portanto, a fazer suas adaptações pedagógicas, didáticas e curriculares para adequarem-se a essa nova realidade que se impunha colocando o conhecimento a

mercê do setor de serviços que paulatinamente foi se ampliando e, predominantemente, mudando a face do mercado de trabalho.

Já na primeira década do século XXI, a chamada e propagada sociedade do conhecimento e seus conceitos e visão sobre conhecimento útil e ético, começaram a atropelar currículos educacionais e por extensão as salas de aula, exigindo essas adaptações pedagógicas para se adequar aos interesses dos setores produtivos. A educação como forma de produção humana imaterial e, especificamente a educação escolar brasileira, sofreu nesse processo a introdução (e expansão) do ideário neoliberal. Ou seja, as implicações do sistema capitalista passaram a nortear não só a lógica desse sistema econômico como também seu funcionamento teórico e prático na educação escolar, o que provocou uma escolha mais assertiva e direta de referenciais teóricos, assim como os meios e o acesso ao saber pelos estudantes oriundos das classes menos favorecidas com o objetivo de atender as expectativas e exigências do capital.

Com a expansão da financeirização e da digitalização, os conglomerados de TICs – *facebook*, *Apple*, *Microsoft*, *Alphabet/Google*, *Amazon*, *Meta* - tentaram implantar currículos modernos tecnológicos, mas não havia ainda um ambiente universal que possibilitasse isso. Alguns países que tentaram trilhar esse caminho não conseguiram com tanto sucesso¹ e seus poucos avanços retrocediam por conta dos movimentos de resistência em suas sociedades. No entanto, a grande chance para “dar o pulo do gato” se abriu vinte anos depois com a catástrofe e ventania do Covid-19 que levou toda a humanidade a uma pandemia (de fato)² que assolou o planeta e afetou toda a espécie humana. As causas desse fenômeno viral foram muito discutidas e por conta das suas manifestações e do seu alcance levou grupos de estudiosos classificarem-no em outra terminologia: sindemia.

Durante a Pandemia ou sindemia, as medidas como o *lockdown* e distanciamento social passaram a ser necessárias e as medidas sanitárias básicas, obrigatórias. Entre estas uma delas foi o fechamento dos prédios escolares e a transferência do funcionamento das escolas para as residências de funcionários e educandos, abrindo, então, espaço para a implementação das EADs, aulas online, aulas híbridas e do *home office*, realidades para as quais todos tiveram que mudar e se adaptar.

¹ “Com o pretexto de construir a *e-Europa*, chegou-se ao ponto de as próprias empresas desenvolverem a base curricular das escolas e das universidades para ampliar seu mercado”. O consórcio Career Space, que agrupa onze grandes empresas do setor de tecnologias de informação e comunicação (TIC), europeias e principalmente norte-americanas (Cisco Systems, IBM, Microsoft e Intel, mas também Phillips, Siemens e outras), redigiu para uma publicação oficial das Comunidades Europeias um “guia para o desenvolvimento de programas de formação”, cujo intuito era definir os “novos cursos de formação em TIC para o século XXI” (LAVAL, p. 143, 2019).

² Vide em 'Covid-19 não é pandemia, mas sindemia': o que essa perspectiva científica muda no tratamento. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1264>

Uma porta se abriu para os conglomerados que não demoraram a agir e a intensificar treinamentos para adaptar professores e alunos e vender produtos às escolas e governos. O grande projeto tecnológico de criar um sistema educacional virtual que vinha sendo pensado no fim da década de 1980 e no transcorrer de 1990 pode, enfim, se concretizar e a inflar em rede tecnológicas e sociais na internet teorias sobre um novo conhecimento como cita Laval (2019) em referência ao relatório Educação e competência na Europa:

O ensino à distância permite a renovação necessária do “capital humano”, transmitindo “conhecimentos úteis” graças ao impulso do *home office*. Falando em termos de “produtos” e “clientes”, a Comissão Europeia garantia que desejava transformar o *e-learning* numa alavanca de transformação da escola: A realização desses objetivos exige estruturas de educação que deveriam ser concebidas em função das necessidades dos clientes (LAVAL, p. 142, 2019).

Com o avanço do mercado e das novas tecnologias “educativas” apareceu um discurso “pedagógico” que anunciava o “fim dos professores”. Assim, as TICs e a internet propriamente dita passaram a ser tratadas como ferramentas “revolucionárias” e não como ferramentas suplementares de apoio à aprendizagem. Então, outro novo discurso começou a ganhar corpo e ser propagado contra as escolas e por uma nova “pedagogia” e utilização de novas “máquinas de ensinar”. Essas ideias e concepções não demoraram a se espalhar pelo planeta com a chamada sociedade em rede.

Nesse sentido, relata-se aqui uma experiência que mostra um pouco esse processo e as tentativas de resistência em sala de aula de uma escola pública no estado de São Paulo.

No primeiro bimestre, os conteúdos previstos no Plano de Ensino tiveram como temática principal “Características da sociedade global”, acompanhados dos subtemas “Novas tecnologias de informação, comunicação e transporte”; “Economia globalizada e cultura mundializada”.

Nesse período crítico da pandemia, as dinâmicas e caminhos das aulas iam se modificando e se adaptando com as *lives* que eram oferecidas tanto aos professores quanto aos alunos, sempre com a intenção de mostrar as possibilidades do mercado profissional na produção simbiótica entre tecnologia e games, entremeados pelo cinema e denominado cinema híbrido. Dentre alguns dos conteúdos apresentados pelos profissionais e discutidos com os estudantes estava a explicação teórica do funcionamento e desenvolvimento de *games* e a aplicação na educação escolar, com saliência e ênfase na essencialidade das habilidades de Criatividade, Criticidade (de Pensamento Crítico), de Comunicação e Protagonismo. Pretendeu-se aqui por parte do docente destacar que

essas habilidades atendiam ao ideário neoliberal e toyotista. Na sequência e mesmo com a fala de Neiva (2021)³ sobre o cinema brasileiro nas suas diferentes perspectivas atuais, que enfatizou que o futuro profissional pode abraçar e ser abraçado por um mercado muito promissor, é de fundamental importância ter um domínio mínimo da semântica das telas:

“Não é simplesmente ter um domínio técnico de uma plataforma ou saber operar uma ilha de edição de uma realidade virtual. É essencial pensar nas narrativas. Não há a necessidade de sair do Brasil para ter formação e trabalhar com isso.” (NEIVA, 2021).

Numa outra sequência de experiência foi a apresentação do Cinema híbrido e sua operação onde os alunos do curso técnico específico se empolgaram em razão de que esse nicho é recheado de aspectos estéticos e também de novidades tecnológicas, no entanto, eles perceberam e entenderam para uma produção fílmica por computador é necessário que existam análises estéticas e linguagens de produção. Neste momento, o esforço do professor foi a condução de uma discussão crítica para a compreensão acerca do que é o híbrido ou o hibridismo. Esclareceu-se, então, que é a composição entre vários e distintos elementos, surgindo outro elemento (muitas vezes novo). A questão essencial não é substituir, mas incorporar elementos de outras fontes como a luz, as possibilidades de movimento, as nuances da cor, ou seja, linguagens como a pintura e a fotografia se somam como elementos advindos no processo de criação e construção. Implementaram-se, aqui, os fatos arrolados à citação do Prof. Dr. Giovanni Alves (UNESP- Marília) “O cinema é a arte síntese”⁴.

No calor da discussão e aproveitando o interstício do momento, o professor entrou com a reflexão audiovisual no desenvolvimento de *games* com o propósito de que os alunos do curso técnico pudessem vislumbrar que o ideário neoliberal, somado ao mercado de trabalho e ao modelo toyotista de organização do trabalho, perpassava suas formações e as exigências do mercado e que eles teriam que se adaptar para a possibilidade de atuarem dentro de suas formações específicas.

Posto isso, o que se propôs foi mostrar que esse novo contexto que se intensificou num processo recorrente nas últimas décadas com a digitalização, robotização, automação e indústria 4.0, não excluiu o fim do trabalho e nem o fim do trabalho manual, mas foi um salto com uma plataformização do trabalho e a inserção deste na rede digital. Daí o porquê de as escolas precisarem ensinar uma nova linguagem e de criarem condições para que o futuro trabalhador consiga inserir-se no mercado de trabalho precário-intermitente promovidos pela *gig economy*, expressão americana diferente e glamorosa para forma de trabalho flexível ou trabalho precário.

³ “O cinema brasileiro e as diferentes Realidades”, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=82rPBKDkvMc>. Acesso em 18, mai, de 2021.

⁴ “Tela Crítica: a Metodologia”. Giovanni Alves. Canal 6 Editora, 2010, SP

Na mesma toada e em paralelo às aulas online, os governos estaduais e as suas secretarias de educação aceleraram o processo de implementação do Novo Ensino Médio/BNCC liberando e pressionando tanto as escolas públicas quanto as particulares para efetivarem as alterações nos seus currículos. Mas era preciso encontrar elementos tangíveis somados a um discurso convincente que agregasse setores mais influentes e poderosos da sociedade e as classes sociais como um todo.

Um elemento que contribuiu para definir o conteúdo da Lei n. 13.415/2017, que queria reformar o ensino médio no Brasil, foi a participação dos 27 secretários estaduais de educação do país - por meio do Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) e dos agentes privados - como assessores dessa reforma.

Para ratificar o argumento necessário à reforma, outro elemento seria a flexibilização das trajetórias escolares criando um currículo mais atraente e prático para os alunos num primeiro momento, mas facilitando a aproximação da escola às demandas/exigências dos empregadores, daí a necessidade de ampliar a jornada escolar e inovar o currículo das disciplinas ofertadas.

Nesse sentido, e dentre as novidades, ocorreu então a exclusão das disciplinas básicas e essenciais (de formação geral) e a implementação dos Projetos Integradores.

O professor, por decisão do ex-presidente Michel Temer (2016-2019) que foi corroborado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022) começou a lecionar a matéria como “O que rola por aí?”, “Faça seu brigadeiro”, “Educação financeira - torne-se um milionário”, “RPG – conquistadores de mundo” “Quitutes da nossa terra”, “Meu mundo, meu futuro, me ajuda a construir?” dentre outras criadas ou adotadas pelas 27 secretarias estaduais. Aqui cabe destacar, ainda, os itinerários formativos como “#SeLiganaMídia”, “Start! Hora do desafio”, “Superar desafios é de humanas”, dentre outros também. Isso tudo como artifício para tornar o Ensino Médio mais interessante buscando como apoio conteúdos que dependiam de conteúdos da internet. Todavia, no mesmo período, o governo Jair Bolsonaro proibiu em 2021 a internet para estudantes de escola pública.⁵

As novas disciplinas do NEM existem para roubar as horas das Ciências Humanas como a Filosofia, a Matemática, a História, a Sociologia, a Geografia, bem como as das Ciências da Natureza como a Física, a Química, a Biologia e a Matemática que são disciplinas essenciais e propedêuticas para a universidade que acabaram por ser jogadas fora. O mais correto seria manter ou recriar o essencial com os conteúdos clássicos pedidos pelo meio acadêmico superior e intensificar o processo sobre conscientizar o educandos.

⁵ Bolsonaro veta ajuda financeira para internet de alunos e professores das escolas públicas. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/737836-bolsonaro-veta-ajuda-financiera-para-internet-de-alunos-e-professores-das-escolas-publicas/19-03-2021>.

Ademais, quem vai lecionar essas matérias? Os mesmos profissionais com formação em Física, Química, Matemática, Sociologia, Filosofia, História, Geografia, ou seja, os professores que estão precisando completar sua carga horária. Com meia dúzia de professores se preenche a grade curricular. Mudança e erro semelhantes aos que foram cometidos também na ditadura militar com o mesmo discurso de que a saída para melhorar a qualidade da Educação Básica (já naquela época na década de 1970) transformando todo o ensino em técnico e profissionalizante, inventando matérias para as quais não se tinha professor e, na sequência, voltando atrás na decisão por perceberem que formar mão de obra especializada demanda um tempo longo - dois ou três anos – e que quando o indivíduo ingressava no mercado de trabalho percebia que o conteúdo aprendido estava desatualizado ou a profissão não mais era necessária.⁶ Alguns anos mais tarde – ainda na década de 1970 – ao retrocederem e voltarem ao currículo anterior, mas com mudanças significativas, conseguiram descaracterizar o Ensino Médio por conta desse ir e vir curricular.

Esta proposta foi inviável e ainda o é porque países que se desenvolveram não focaram unicamente em Ensino Técnico (Profissionalizante), além disso, não é apropriado tornar a Educação Básica um local que busque colocar as pessoas no mercado de trabalho porque pela dinâmica do sistema do capital as profissões também estão na berlinda. E muito do conteúdo aprendido em três anos torna-se quase obsoleto para sobreviver e enfrentar o mundo do trabalho. Por outro lado, o que fica de fato do ensino médio para o indivíduo é o básico chamado geral: a leitura dos clássicos, saber a Física de Isaac Newton, em Filosofia saber sobre Platão e outros – acrescente aqui decolonialidade⁷ -, em Língua Portuguesa saber uma boa gramática, em literatura conhecer Machado de Assis, em Educação Física saber ginástica geral e dominar uma modalidade esportiva. Não incluímos no nosso exemplo as outras disciplinas.

Quando essa reforma foi apresentada iniciou-se ou retomou-se um debate de concordar ou não concordar com essa reforma e daí os professores que se colocavam contra eram vistos como reacionários/tradicionais e os que se mostravam a favor, vistos como modernos e até revolucionários. Num olhar sobre a política econômica e de governo, a reforma de Michel Temer segue a faixa de luz (ou de trevas) do mercado financeiro, objetivando jogar o ensino para o interior do mercado partindo para a privatização, igualmente com as grandes universidades particulares que passariam (como de fato são) a serem avaliadas na bolsa de valores não pela qualidade, mas pela

⁶ Com o intuito de conhecer um pouco mais sobre a ideia de Karl Marx acerca da Educação escolar e mercado de trabalho e aprofundarmos esse olhar sobre a inviabilidade do Ensino Técnico na Educação Básica sugerimos o artigo “A Educação em Marx (ou A Educação e Trabalho em Marx”, Disponível em: <https://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT5/gt5m1c2.pdf>

⁷ Ver o artigo “América Latina e o giro decolonial” de Luciana Ballestrin. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>, acesso em: 31, ago, 2023.

quantidade de alunos e assim vender suas ações. Nesse sentido, o Ensino Médio não precisa de qualidade, bastando ter uma escola particular que forme alunos que possam ir para as faculdades públicas e se tornem elite dirigente (ou se mantenham) e o restante dos alunos vai para as faculdades particulares pagando pouco para ter cursos ruins e continuar a alimentar o mercado financeiro sem saber que o fazem. Nesse raciocínio é interessante desqualificar a escola média/ensino médio por culpa da evasão e por não interessar ao aluno, são os grandes lances, o *touchê* de toda essa argumentação a respeito do assunto.

No entanto, o membro da classe dominante - e até da classe média - quando procura uma instituição para formar seu filho, ele o matricula numa escola particular que não seja técnico profissional, mas que seja propedêutica à universidade, ficando este sem trabalhar por um período de sua vida de modo a adquirir conhecimentos básicos para quando ingressar no mercado de trabalho ser o trabalhador dirigente – que estude Engenharia para ser o dirigente e não o operário, como por exemplo. Esse mesmo

indivíduo quer que o outro estude, que o filho do outro, que é pobre, estude para se profissionalizar e trabalhar logo, ou seja, não precisa de uma profissão com formação intelectual assentada na propedêutica porque ele será remanejado no local de trabalho dentro das necessidades de produção. Essa é a ideia da classe média que domina todos os meios intelectuais no país, tanto a esquerda como a direita, e com esse discurso somente.

Propomos aqui uma primeira reflexão: Qual o objetivo de fato com essa reforma? Querer ensinar os alunos a ver conexão tecnologia-mercado, mas não ensinar os alunos a ver a conexão escola e transformação social? Os estudantes passam, assim, a ser obrigados a dominar linguagens de T.I.Cs (Tecnologias de Informação e Comunicação) para serem fluentes/dominantes nesse mundo, entendendo e dominando o “letramento digital”, as “linguagens digitais”, o “discurso eletrônico”, o “hipertexto”, a “comunicação mediada por computador”, a “comunicação eletrônica”, além dos outros termos e linguagens e campos dos vários programas apresentados pelas plataformas. Nesse sentido, um termo que se tornou “tema transversal” no NEM foi a autonomia. Autonomia que virou sinônimo entre os adolescentes para tempo “livre” e excessivo, mais voltado para o *marketing*, ou seja, uma liberdade demasiada com a tecnologia (em frente aos PCs e/ou celulares) para aprender a manusear programas formatados pelos conglomerados (*google*, *facebook* e outros) assimilando os novos termos e, assim, obter um passaporte para ingressar nessa “entidade” intelectual exigida pelo mercado.

Nesse sentido, não é ousadia dizer que a educação bancária não desapareceu e que hoje tem a cara digitalizada como o dinheiro, assim como o mundo financeiro onde tudo são sinais e como tais

podem mudar a qualquer momento.

Dessa forma, propomos uma segunda reflexão: o que querem os opressores da era digital com a formação do novo indivíduo, do novo trabalhador e do ser humano no século XXI? Seria “criar” ou reforçar um intelecto geral na educação bancária? Atualmente não deixar pensar autenticamente, não deixar pensar para o coletivo?

Na verdade, o que pretendem os opressores é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os domine. Para isto se servem da concepção e da prática “bancárias” da educação, a que juntam toda uma ação social de caráter paternalista, em que os oprimidos recebem o nome simpático de “assistidos”. São casos individuais, meros “marginalizados”, que discrepam da fisionomia geral da sociedade. “Esta é boa, organizada e justa”. Os oprimidos, como casos individuais, são patologia da sociedade sã, que precisa, por isto mesmo, ajusta-los a ela, mudando-lhes a mentalidade de homens inaptos e preguiçosos (FREIRE, p.84, 2022).

Como acontece essa prática educacional que permanece? Criando condições no ambiente escolar para que os estudantes aprendam a articular entre si diferentes linguagens, códigos e tecnologias de informação e comunicação, mas sem oferecer condições didático-pedagógicas que promovam confrontos de posicionamentos diferenciados das opiniões ou que endossem argumentos em defesa de suas ideias com aulas dinâmicas que promovam o pensar autêntico. As aulas permanecem verbalistas, mas as leituras ficaram escasseadas, principalmente dos clássicos que foram substituídos por indicações de leituras de páginas da internet (*blogs, sites, podcasts*) - com orientação sobre os diferentes recursos e ferramentas disponíveis no meio tecnológico que podem utilizar - que por sua vez tornam-se “conhecimentos” a serem avaliados e se interpondo entre educador e educandos. Os educandos continuam a ter que “digerir” as informações e colocar seu exercício mental e psíquico a esse fim distanciando-se cada vez mais de um possível pensar verdadeiro.

Nesse exercício e tentativa de orientar e induzir ao mercado de trabalho existem programas e projetos que oferecem uma imersão ainda mais profunda no mundo tecnológico e digital. Como conhecer o mundo dos *games* que apresentam e prometem uma nova forma de ingressar no mercado de trabalho, mas cobrando/exigindo dos alunos o domínio de habilidades como selecionar metodologias e instrumentos de organização de eventos; elaborar e acompanhar cronogramas; valorizar hábitos de organização, planejamento e avaliação; relacionar conhecimentos de diferentes naturezas e áreas numa perspectiva interdisciplinar e decodificar símbolos, fórmulas, expressões, etc.

Com esse percurso formativo dos estudantes cabe a introdução de uma reflexão instigante e provocativa: como agir ou o que fazer com o general *intellect* e o trabalhar de graça quando o indivíduo se dispõe a jogar (“brincar”) sem estar efetivamente trabalhando para uma empresa? Enfatizar o olhar sobre a realidade do mundo do trabalho atual, pós- fordista, que tirou todos os trabalhadores das fábricas e criou um novo conceito de “fábrica” e “lugar de trabalho” como sendo todo lugar é do trabalho e a fábrica está em qualquer lugar. Cabe aqui lembrar o autor Yann Moulier-Boutang⁸ que apresenta novas interpretações possibilitadas pela semiótica da imagem, entendendo a imagem como um ícone que representa alguma coisa e está sempre ligada a um texto a ser explorado.

Isso tudo corrobora o que foi descrito no início sobre o Novo Ensino Médio e seus Itinerários Formativos de Aprofundamento, em que o educando recebe informações não para ser mais e sim para manter o status quo caminhando pela via da necrofilia e não do conhecimento. Uma forma amaciada e ficcional de lidar com a opressão:

A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor vida. A concepção “bancária”, que a ela serve, também o é. No momento mesmo em que funda num conceito mecânico, estático, especializado da consciência e em que transforma, por isto mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila. Não se deixa mover pelo ânimo de libertar o pensamento pela ação dos homens uns com os outros na tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-lo mais e mais humano (FREIRE, p. 90 e 91, 2022).

As instituições escolares e seus profissionais que aderiram a este discurso e projeto do capitalismo 4.0 insistem em querer usar os autores, os termos e objetivos da educação libertadora para manter o neoliberalismo e fazer valer a pedagogia neoliberal forçando goela abaixo uma educação bancária digitalizada.

Portanto, é preciso uma pedagogia da não submissão e da não adaptação, substantivo seguido do advérbio obrigatório que aparece como um recado para a exclusão social, educacional e do mundo do trabalho. Também é necessária uma educação escolar com viés pedagógico que não seja maquiado de libertação ou de autonomia.

Torna-se essencial uma pedagogia que entenda se a realidade das relações sociais hoje - em todos os setores - é a imersão de todos os indivíduos na infosfera, ou seja, em um tempo e espaço

⁸ Disponível em: <https://ghiraldelli.online/2022/07/12/a-impressionante-hipotese-do-general-intellect-por-yann-moulier-boutang/>

conectados 24 horas por dia onde não mais existe o “estar off-line ou online” porque somos guiados, diária e constantemente, por sinais e conduzidos por aplicativos. A necessidade, portanto, é de uma Pedagogia Crítica do Digital.

Partindo dessa premissa indispensável acerca da criticidade pedagógica do digital é que consideramos importante um olhar enraizado na ótica freireana da bancarização de informação que chegam às escolas e entram nas salas de aula para preencher as grades curriculares exigindo do aluno o domínio de códigos, programas, termos/conceitos para que o acoplam a uma máquina e esta a ele deixando-o ensimesmado numa bolha existencial virtual e real.

Ou seja, uma avalanche de informações novas com sinais, letras e códigos que formam programas aplicáveis, mas que não exige nem tão pouco permite uma reflexão crítica.

Faz-se imprescindível, então, nessa linha freireana, reencontrar o caminho ou buscar fissuras para olhar essa “nova escola” – novo tecnicismo – que oferece um “baú de tesouros” no fim do arco-íris e saber quais estratégias que excluem versus as que dialogam com a nova classe trabalhadora digitalizada nesse caminho de nova alfabetização digital.

Nesse sentido, quem sabe fazer o educando e educador entenderem que um tipo de educador/pedagogia é capaz de libertar a todos. Ou seja, a escola consegue promover ainda uma discussão verdadeiramente libertadora enquanto abraça os programas digitais e se insere e se imerge no oceano das tecnologias digitais?

Na análise de Paulo Freire, o procedimento na contramão da Educação Bancária apresentada em “Pedagogia do Oprimido” (2022) pode ser aplicado a qualquer área de ensino – matemática, química, ciências sociais, na discussão política e ainda à alfabetização - partindo do educador e do educando, uma vez que estão imersos na mesma comunidade e na mesma cultura. É aqui que se tornam possíveis os temas geradores, ou seja, na vivência, e é na vivência que ocorre a conversação – coisa que a educação bancária não permite e nem possibilita – quando ocorre a comunhão real, isto é, conversar sobre aquilo que todos nós fazemos, passamos, sofremos e sonhamos. A conversa real e engajada.

Nessa pedagogia freireana acontece a problematização que é o momento em que o educador lança as interrogações no texto, no discurso, na narrativa dos temas. Mas essa ação é impossível de ocorrer na educação bancária porque o professor coloca questões que estão no livro didático, mas o professor freireano apresenta problemas que emergem das conversas de problematização que foram levados adiante pelo professor que abraçou os problemas trazidos pelos educandos. E nessa ação conjunta de enxergar

e entender os problemas, os educandos e o educador conseguem outra ação que é a consciência, ou seja, a ação conjunta dos problemas e quando ocorre a reflexão surgida a partir do momento que houve a conversa e discussão coletiva. Assim, essa consciência é complementada com a práxis de que é a atuação da teoria com a prática, que é a ação política transfigurada em democracia participativa. A proposta desse processo pedagógico não é a de um processo de sala de aula com as cadeiras dispostas em fileiras - ou das cadeiras em volta como nos círculos de cultura – mas de um processo como um todo de transformação de uma comunidade que abre espaço para uma inversão na relação de poder. E nessa inversão de relação de poder os educandos passam a ter o poder. O poder dos educandos que pode e deve colocar em questão - e confronto - suas realidades com a realidade social do capital e da tecnologia digital.

Uma pedagogia que se propuser ser crítica frente ao mundo digital deverá considerar os alunos/educandos das classes populares em seus locais e condições sociais fora do âmbito escolar. Para isso, como exemplo, basta nos reportarmos aos longos meses tenebrosos da pandemia da Covid-19 quando esses alunos tiveram que fazer piruetas e malabarismos para conseguir acoplar seus aparelhos de celulares aos sinais e códigos do mundo digital e tentar criar essa igualdade de acesso às ferramentas digitais empenhando-se em tentar superar o acesso precário às ferramentas tecnológico- digitais e à internet. Uma questão cabe ser colocada: existia (ou existe) nesse acesso uma consciência digital? Nos adiantamos com uma possível resposta: conhecer a infosfera e a subjetividade maquínica, muito além das linguagens e dos códigos. Mais ainda, a escola deve exercer esse papel dialógico e libertador para promover a compreensão do mundo digital e das tecnologias na modernidade do capital que é a modernidade digital e, por fim, não se descolar da realidade das classes populares oprimidas que lutam por condições mínimas de sobrevivências. É esse estudo das tecnologias digitais⁹ sob um viés crítico que promoverá o entendimento de que as tecnologias digitais estão inseridas no sistema do capital e capitalista que a produziu (e não o inverso) e daí construir junto – escola-educador-educando – um panorama que abra os olhos e possibilite um passo a mais em direção à consciência de classe.

Veja abaixo o quadro com as três formas de educação: bancária¹⁰, problematizadora¹¹ e bancária digital:

⁹ CARIN, Ana Carolina trabalha esse conceito mais aprofundada no livro “Pedagogia digital – práticas possíveis em um cotidiano tecnológico”. Editora CRV, Curitiba, 2023.

¹⁰ Freire, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 2022, Editora Paz e Terra, SP.

¹¹ Ibidem, 2022.

Educação bancária	Educação problematizadora	Educação bancária digitalizada
<ul style="list-style-type: none"> - O educador insere o mundo no educando para apassivá-lo e adaptá-los ao mundo. - É uma prática que só interessa aos opressores. - Enfiar o mundo para encher os educandos comunicando-os. - As aulas são verbalistas. - Os métodos de avaliação servem para avaliar informações “bebidas” e “mastigadas”. - O professor introduz e conclui a “aprendizagem”. - Não concilia educador-educando e afasta qualquer tipo de companheirismo pedagógico. - Seu ânimo é ajustar o homem ao mundo, inibindo sua capacidade de atuação e criação. - Transforma os estudantes em recipientes, em quase coisas. - Não possibilitar e nem permitir condições para que o indivíduo possa ser mais. <p>Não possibilita a informação ser transformada em conhecimento.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Deve ser um ato cognoscente. - Superar a contradição educador-educando. - Serve a libertação do indivíduo <p>Busca superar a contradição educador-educando.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Afirmar a dialogicidade e se fazer dialógica. - Por se propor libertadora não aceita o fundamento de que os indivíduos são seres vazios que precisam ser preenchidos. - Não aceita alienar os homens ou mantê-los alienados. - Sua essência é a práxis que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. - Uma sociedade revolucionária não pode usar-se da educação bancária. <p>Não usar as mesmas armas da dominação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Letramento digital. - Linguagens digitais. - Dominar o discurso eletrônico. - Saber identificar e manusear um Hipertexto. - Comunicação mediada por computador e eletrônica. - Instalar os sistemas operacionais atualizados. - Fazer e refazer configuração. - Configurar sistemas operacionais e servidores. - Dominar Softwares e seus licenciamentos. - Entender a linguagem do Hardware. - Interpretar o Game. - Design Document (GDD) identificando os objetivos para o desenvolvimento da programação. - Identificar experiências e

		<p>tecnologias de jogos digitais.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Manipular elementos 3D, estáticos e dinâmicos. - Codificar jogabilidade utilizando programações diferentes. - Desenvolver programação para Inteligência artificial. - Criar estratégias para gerenciar diferentes versões do código. - Compilar o jogo digital em plataforma compatível a computador. - Dominar as linguagens de programação mais usadas em 2023 como: Python, C#,C++, JavaScript, PHP, Swift, Java, Go, SQL, Ruby, entre outros.
--	--	--

Nós vivemos hoje na infosfera que é uma esfera de informação que se potencializou com a internet na qual estamos inseridos cotidianamente 24 horas por dia. Não existe mais essa história de online e

off-line porque quando estamos em nosso carro, por exemplo, nos guiamos pelo waze ou GPS em codependência, ou seja, estamos recebendo informações a todo o momento desses aplicativos e enviamos informações para eles porque revelamos e indicamos onde estamos. São informações que vão e vem e onde, inevitavelmente, deixamos registrados nossos gostos de modo que qualquer pessoa pode permitir a produção de novas informações a partir de seus acessos.

Para um indivíduo integrar esse mundo ele precisa diminuir sua capacidade de interpretação porque o mundo da internet (infosfera) é maquinal e dá a impressão de estar falando a mesma linguagem, mas isso não ocorre. Este mundo entende o indivíduo através de uma linguagem de máquina e esta linguagem é simbólica – é por símbolos que ela se relaciona com o usuário – e assim se vai participando cada vez mais de uma linguagem que é fundamentalmente um conjunto de símbolos com pouco significado. A pessoa não percebe tudo isso porque a linguagem continua a mesma. Assim, se comparamos gerações veremos que a *geração atual precisa de muito menos palavras para achar que fala o português*, do que a geração passada. Assim, percebemos uma diminuição semântica, uma diminuição de capacidade interpretativa, da imaginação e, conseqüentemente, da inteligência.

O problema atual com a infosfera, principalmente a internet hoje, é que esta está sendo levada adiante num entendimento único e exclusivamente de regramento por pessoas que são juízes ou advogados e isto gera atitudes normativas: a internet é boa ou ruim? Dever ser censurada ou não? Censura num ponto e não em outro ponto? E esse é um debate pobre por se restringir à norma, mas ganha o senso comum por ser plebiscitário: SIM ou NÃO? E este pensamento é a maneira como a própria máquina

funciona, isto é, liga ou desliga. E é assim que *a informação vai andando*. É o sistema binário: 0 ou 1, 0 ou 1... e é neste jogo binário que a informação caminha, e a própria máquina fica realizada quando vê que estamos pensando de forma plebiscitária – SIM ou NÃO. Nesse sentido e de maneira geral, estamos pensando de forma binária por conta da máquina que dirige nosso pensamento e também porque a instância de nossa discussão está reduzida ao policiamento. Quando uma sociedade caminha pela norma e plebiscito ela vira uma sociedade emburrecida e acrítica. O panóptico de Bentham em nova versão pode ganhar força novamente.

Cabe destacar e chamar a atenção para as discussões sobre o uso da internet e como se portar na infosfera hoje, passa pelo Supremo Tribunal Federal (estância jurídica) e pelo congresso nacional e cada vez menos passa pela universidade e pelas escolas – educação básica - e por outro lado, os jornais e revistas ficam centrados nas decisões e discussões do STF e do congresso nacional. As discussões nessas esferas tornam-se muito pobres porque versam somente sobre REGRAS (aquilo

que pode e o que não pode).

As discussões sobre a infosfera têm que ocorrer nas instâncias que estão estudando-a. Por exemplo, é preciso entender que ela ficou acelerada por conta da internet e por conta da mudança da situação analógica para a digital que permite a internet ser agregadora de instituições. Sendo assim, a maioria das discussões são pobres e carentes de profundidade filosófica, sociológica e histórica. Mesmo as pessoas que dizem que são apenas aspectos técnicos, não conseguem ver que não se tratam somente de aspectos técnicos, mas, sobretudo, de aspectos filosóficos, sociológicos e também de física, eletrônica, informática, ciências da comunicação.

O que temos então é a sociedade do espetáculo que mostra esse mesmo espetáculo como sendo de relações sociais mediadas por imagem (a forma mercadoria) e, assim, passamos a nos relacionarmos por comparação de grandeza do dinheiro e da riqueza material.

Num determinado momento, o capitalismo financeiro e as bolsas precisaram de velocidade e, ao precisar dela, ele (o sistema do capital) inventou a internet que é a potencialização da forma abstrata. As pessoas se relacionam na internet pela imagem – mas esta não é o espetáculo – quando as pessoas se falam/relacionam por vídeo (LIVE), por exemplo, mediadas por imagens internéticas. Dessa forma, a pessoa entra na infosfera e depois de horas de relação com o mundo ela não aprendeu absolutamente nada com quem você se relacionou, mas sabe somente que imagens levaram/conduziram

o indivíduo a outros lugares ou para outras pessoas, para outros produtos (carro, cosméticos...) e mais outras coisas. E nesse mundo o que ocorreu com o indivíduo? Esse indivíduo navegou na internet ou as imagens enveloparam-no e navegam essa pessoa? Isso tudo muda o padrão de comportamento da pessoa e até seu autoconhecimento porque antes para ela ser como o outro, ela tinha que olhar para os outros e estes lhe devolviam opiniões e, assim, as pessoas vão montando suas narrativas sobre si próprias.

Hoje, as pessoas olham para a internet e pensam que é diversificada, mas ela não é porque devolve tudo que o indivíduo desejou – aquilo que ele olhou – porque ela pega o rastro e monta um perfil estereotipado e lhe devolve como sendo o indivíduo. Como consequência a pessoa vai criando uma reiteração e não sai da caricatura que a internet fez dela própria e para o indivíduo. E, assim, o seu eu vai ficando cada vez mais diminuto, criando um movimento narcísico porque a pessoa olha e só vê a si própria. No entanto, essa pessoa que se vê na internet é uma redução do ser, ou seja, é aquele cara do consumo que procurou um sapato, um cosmético, um prostíbulo, armas, palestras de direita... é isso que a internet lhe devolve.

Nesse sentido, o indivíduo vê esse cara e diz “Esse sou eu. Vou pegar esse eu e terminar minha autoconstrução”, mas sem perceber ou saber ele fica a cara da caricatura. Esse é o narcisismo dos nossos tempos. Isso cria um tédio muito grande que o indivíduo tem que superar, mas como fazer isso? Com a educação que leve a todas essas reflexões e aprofunde-as cada vez mais e leve estes indivíduos a saírem desse mundo narcísico e passem a olhar com mais sensibilidade e profundidade todo o resto. Este debate precisa ser feito pela sociedade brasileira senão não saberemos o que estamos vivendo e iremos regradar (a internet) com regras tacanhas do plebiscito e é preciso sairmos da pobreza do pensamento jurídico que se restringe ao pensamento normativo sobre a internet e sua infosfera. É normatizar o que não se sabe e não se conhece. E a escola em sua definição mais ampla é que tem esse papel, mas assentada e direcionada por uma pedagogia crítica do mundo digital muito além dos códigos, símbolos e informações que estão bancarizando os pensamentos dos estudantes e educandos atualmente.

Referências bibliográficas:

ALVES, Giovanni. **Tela Crítica: a Metodologia**. Canal 6

Editora, 2010, SP

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>, acesso em: 31, ago, 2023

BOLSONARO VETA AJUDA FINANCEIRA PARA INTERNET DE ALUNOS E PROFESSORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS.

Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/737836-bolsonaro-veta-ajuda-financeira-para-internet-de-alunos-e-professores-das-escolas-publicas/19-03-2021>.

BOUTANG, Yann Moulier. **A impressionante hipótese do general intellect**. Disponível em: <https://ghiraldelli.online/2022/07/12/a-impressionante-hipotese-do-general-intellect-por-yann-moulier-boutang/>

CARIN, Ana Carolina. **Pedagogia digital – práticas possíveis em um cotidiano tecnológico**. Editora CRV, Curitiba, 2023.

CATINI, Carolina de Roig. **A Educação em Marx (ou A Educação e Trabalho em Marx)**, Disponível em:

<https://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT5/>

gt5m1c2.pdf

COVID-19 NÃO É PANDEMIA, MAS SINDEMIA: O QUE ESSA PERSPECTIVA CIENTÍFICA MUDA NO TRATAMENTO. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1264>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 2022. Editora Paz e Terra, SP.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**. Editora Boitempo, SP, 2019.

NEIVA, Ana Arruda. **O cinema brasileiro e as diferentes Realidades**, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=82rPBKDkvMc>. Acesso em 18, mai, de 2021

Autor:

Cláudio Vieira Pinto

Graduado em História e Pedagogia, com especialização lato sensu em Geografia, História e Artes – interações – UNISO/USP. Professor de História no Ensino Médio em Escola Pública do Estado de São Paulo. Curso de Extensão 2023: Paulo Freire: panorama histórico-filosófico – Instituto Federal de São Paulo – Campus Registro. Associado da Associação Brasileira de Cinema de Animação (ABCA)